

**EDUCANDO PARA A PRIMEIRIDADE: UMA INVESTIGAÇÃO DA
PRIMEIRIDADE DE PEIRCE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO
ESTÉTICA¹.**

Cary Campbell²

Resumo: Este artigo examina como o conceito peirciano de ‘Primeiridade’ e a noção correlata de ‘Quali-experiência’ pode iluminar certos aspectos do processo de aprendizados que não são normalmente colocados em pauta, especificamente o estágio pré-interpretativo da cognição. Proponho que, refletir acerca dos ‘momentos de Primeiridade’, pode levar a um tratamento mais fenomenológico das experiências e qualidades particulares sobre as quais estamos refletindo e, esta reflexão pode nos induzir a colocar em pauta as qualidades fundamentais que conduzem os estágios posteriores da interpretação. Meu objetivo aqui é explorar o que estimula uma atenção³engajada e examinar como isso pode ser aplicado numa forma de ‘educação do inquirido’ que atribui um papel central à reflexão neste estágio pré-interpretativo.

Palavras chave: Educação estética, semiótica, Peirce, quali, primeiridade.

¹ Texto Traduzido por Rita Helena Gomes – Professora da Universidade Federal do Ceará - UFC

² Simon Fraser University- Canada, Doctoral candidate, clc25@sfu.ca

³ N.T.: Na expressão original “absorption”. Tal termo tem um uso amplo no campo da educação e, dentre outras coisas, remete à noção de algo que prende intensamente a atenção. Em português, por vezes, pode ser traduzido como ‘absorção’ no sentido de que alguém está imerso em algo. Ao longo desta tradução o termo e seus correlatos serão traduzidos como ‘atenção’ ou seus derivados.

1.0 Introdução

1.1. Meu momento de Primeiridade

Arte é a objetificação de um padrão experiencial puro...uma lembrança tranquila da emoção. O processo de expressão ou objetificação é uma idealização do padrão experiencial (original). Ele alcança o momento central da experiência e desdobra-o em suas próprias implicações, separado das distorções, das interferências, de intrusões acidentais que ocorrem na experiência concreta mesma. (LONERGAN, 1993, p. 217 – 219).

Resumi as palavras de Lonergan aqui precisamente para mostrar o tipo de lembrança, mas também por uma razão pessoal de que foi ao ler exatamente estas palavras que as ideias que originaram este artigo surgiram num momento repentino e poderoso (ao menos para mim) de inspiração. Partilho este detalhe pessoal com o leitor justamente porque são momentos como este que o texto irá explorar.

1.2. Momentos de Inefabilidade

Nós todos experienciamos momentos que são tão poderosos e singulares que parecem ir além da experiência comum e mundana, algo que poderíamos quase colocar o enganoso rótulo de *'transcendental'*. Nas palavras românticas de C.S. Lewis, momentos transformativos consistem em *'uma facada, uma pontada, um desejo inconsolável'* (1955, p.72). Estes momentos de epifania são geralmente entendidos pelos intelectuais e artistas ao longo da história como de difícil expressão em nossas linguagens tautológicas e auto-referenciais. Eles são uma faísca tão fugaz e **inefável** que os próprios atos de reconhecimento e reflexão parecem destruí-los. Estes momentos de inefabilidade representam a síntese única de diversas qualidades num momento de *'singularidade atemporal'*, quer dizer, um momento fora das nossas concepções de eu e dos sistemas culturais que usamos para nos expressar. Eles ocorrem num estágio hipotético de percepção anterior a introdução dos dados sensíveis pertencentes a este *'feixe de qualidades'* no reino do pensamento discursivo. Eles são hipotéticos e também paradoxais; eles existem como momentos fora de nossa consciência de nossa própria subjetividade, e, ainda, nossos únicos métodos e ferramentas para examiná-los estão necessariamente absorvidos nos sistemas linguísticos que usamos para constituir a realidade. Portanto, nós podemos apenas levantar a hipótese de sua ocorrência e natureza.

1.3. Por que o Objeto Artístico?

Através da experiência estética, somos transportados para fora do reino dos nossos processos cognitivos normais. Os tipos de experiência que estou descrevendo, que até agora só foram referidos como ‘momentos de inefabilidade’, são estão de modo algum necessariamente atrelados a objetos artísticos. Dito isto, acredito que os objetos artísticos proveem um modelo pedagógico útil por dois motivos principais:

Primeiramente, de acordo com Lonergan poderosa síntese realizada pelo objeto artístico – a junção de partes díspares num todo concreto, um pacote unificado de qualidades pronto para ser percebido – possibilita um retorno ao objeto artístico. Ao refletir sobre objeto artístico podemos ter um melhor entendimento de que qualidades nele acenderam estes momentos singulares de atenção em nós, os espectadores. Isto baseia-se na inferência de que o objeto artístico captura e preserva em sua estrutura e organização um *carimbo* das experiências singulares despertadas em nossa percepção. Um carimbo pessoal baseado em nossas interpretações prévias, pelas quais nós entendemos ou tentamos entender mais acerca do nosso próprio engajamento e através da abstração do processo interpretativo como um todo.

Em segundo lugar, o objeto artístico é particularmente adequado para despertar estes momentos de engajamento transformativo dada sua possibilidade de arranjar e combinar materiais conhecidos de um modo não familiar. Isto é bem expresso pelo poeta Wallace Steven em seu famoso pronunciamento que eu parafraseio: ‘*a poesia faz o visível um pouco mais difícil de ser visto*’. Numa reflexão acerca deste fugaz momento de desorientação podemos, talvez, atingir um nível de introspecção nas qualidades que estimularam no processo interpretativo nossa absorção engajada. É esta reflexividade e essa capacidade de nos surpreender (que Gadamer chama de ‘ser interpelado’) que faz do objeto artístico uma plataforma pedagógica útil.

2.0. O domínio da Primeiridade

2.1. O que é Primeiridade?

O conceito que me pareceu o mais útil para elucidar estas experiências singulares e transformativas é o de Primeiridade tal qual desenvolvido pelo filósofo americano C.S. Peirce:

Primeiridade é um estado filosófico, um dos três domínios do pensamento de Peirce, sendo os outros *secundidade* e *terceiridade*. Primeiridade é uma percepção pré-interpretativa das qualidades iniciais antes delas se associarem com qualquer objeto ou sujeito. É a abstração da qualidade, a sensação pura e singular da ‘vermelhidão’ antes do sujeito ter absorvido e classificado a sensação em suas experiências prévias. Uma vez reconhecida esta qualidade em relação a nós mesmos, como algo distinto de nós e que age na nossa percepção, já entramos no domínio da ‘secundidade’. É isso que faz da Primeiridade algo tão inatingível e passageiro. A secundidade já é observada dentro de um tempo e espaço; é o sujeito reconhecendo o fenômeno através da experiência da resistência deste feixe-de-qualidades operando em nosso Ser. É neste sentido que Heidegger afirma que o *Sersó* pode ser percebido através da resistência, ou mais genericamente através da comunicação com outros seres – de sermos jogados no mundo no qual nós percebemos aparências, mas somos nós mesmos aparências.

Por outro lado, a Primeiridade nunca é espacial ou temporal – é puramente monádica e não possuem resistências ou reações exteriores. A isto Peirce chamou de *quali-consciência*.

A consciência da qualidade é sensiente, qualidade sensível. A consciência da qualidade não é uma ‘consciência desperta’ – mas ainda há nela algo da natureza da consciência. Uma consciência *adormecida*, talvez’ (6.221). O fato dela está ‘adormecida’ ou ‘sonolenta’ não a faz menos intensa, “Por que é a ausência de *reação* – do sentir o outro – que constitui a sonolência, não a ausência de sentimento imediato que é tudo o que há na própria imediaticidade” (PEIRCE apud SHERIFF, 1994, p.6).

Esta ideia de que as qualidades que fazem nossas experiências de *Primeiridade* possuem uma consciência própria tem implicações para a ‘educação do inquerito’ que estou vislumbrando. Ela nos lembra de que não ter as ferramentas reflexivas adequadas para a refletir e assimilar uma experiência transformativa não a torna menos intensa para aquele que a experencia, mas apenas menos útil para seu crescimento pessoal.

Em nossa vida cotidiana raramente nos deparamos com objetos que demandam de nós questionamento e engajamento. Isto acontece porque nossos sistemas de conhecimento e percepção são tão enrijecidos e determinados que (boa parte do tempo) ao percebemos um objeto nos tornamos imediatamente cientes de como ele se encaixa em nossos sistemas cultural e epistemológico estabelecidos. Nós experenciamos a experiência singular que engloba a poderosa sensação de ‘vermelhidão’. Devido à unicidade do tempo e do espaço desta experiência, essa vermelhidão particular não é nada que tenhamos experenciado antes. Mas, num instante essa vermelhidão torna-se meramente ‘um tipo de vermelhidão’ e,

finalmente, apenas ‘vermelho’ quando vamos descrevê-la. Isto quer dizer que nós quase imediatamente atribuímos um sentimento ou qualidade a um objeto e classificamos este objeto como um tipo/exemplar de uma classe maior de objetos. O último passo da interpretação e expressão através de símbolos da linguagem é um aspecto do domínio da *Terceiridade*, a qual trataremos na seção 3.0 através de um olhar sobre a semiótica de Peirce.

2.2. Uma educação do inquirido

Proponho neste artigo que refletir sobre esses momentos de *Primeiridade* pode nos levar a um tratamento fenomenológico das experiências e qualidades particulares sobre as quais estamos refletindo, e, esta reflexão pode nos induzir a colocar em pauta as qualidades fundamentais que conduzem os estágios posteriores da interpretação. Meu objetivo aqui é explorar o que estimula uma atenção engajada e examinar como isso pode ser aplicado numa forma de ‘educação do inquirido’ que atribui um papel central à reflexão neste estágio pré-interpretativo. Minha esperança é que educadores que possuam os meios para refletir neste campo da *Primeiridade* estejam melhor equipados para estimular os tipos de engajamento estético transformativo em arte e cultura que Maxine Greene tomou como central em sua visão educacional.

2.3.1. Quali exame

Primeiramente, é preciso ampliar nosso entendimento da *Primeiridade* examinando o conceito anteriormente mencionado de ‘quali’ tal qual exposto por Peirce.

Uma das referências mais antigas a este elusivo conceito vem de uma palestra de Peirceno Lowell Institute em 1866 intitulada ‘A lógica da ciência; ou, indução e ‘hipótese’’. Aqui Peirce afirma:

Nossas primeiras impressões são inteiramente desconhecidas em si mesmas, uma questão de cognição é uma questão de fato, e o que não é passível de experiência não é uma questão de fato. As impressões são alcançadas através da unidade que a mente requer... por conceitos e sensações. (PEIRCE, 1982, p.471).

Estas impressões desconhecidas e inefáveis são o material bruto que a mente usa para criar significados através da conceptualização destes dados em símbolos do pensamento discursivo. Ainda que essas ‘quali’ sejam ‘impossíveis de descrever’, eles formam a base da experiência que precisa ser referida a um *Terreno (Ground)*. O *Terreno* é a abstração de uma qualidade inicial, assim como negritude é a pura abstração da qualidade singular do preto

experienciado através de uma ‘quali’. Ele marca o início, o *terminus a quo* do processo cognitivo. Umberto Eco explica concisa e profundamente ‘o Terreno’ em ‘Kant e o Ornitorrinco’ (2000):

O Terreno, na medida em que é uma qualidade, é um predicado... o Terreno tem a ver com as qualidades ‘internas’, as propriedades do objeto. Em ‘*A Tinta é preta*’ a qualidade ‘preta’, ou melhor, a negritude incorporada pela tinta, é abstraída dela ... No entanto, mesmo de um ponto de vista lógico, o Terreno não é a totalidade dos marcadores que fazem a intenção de um termo (tal totalidade pode ser idealizada apenas durante o processo de interpretação): ao prestarmos atenção (prescinding), a atenção é dada a um elemento negligenciando outro. (p.61)

Ao predicarmos a negritude da tinta, nós ignoramos sua qualidade líquida, ou qualquer outra qualidade particular que experienciamos em nosso encontro. Em resumo, quando damos esse salto da percepção irrefletida para a conceptualização, alteramos a completude da ‘quali’ inicial.

Aqui chegamos a uma importante encruzilhada do pensamento Pragmático, a noção de ‘significado sem verdade’ (PEIRCE, 1982, p. 477). A expressão através da simbolização, apesar de ser um passo necessário na extensão do entendimento e pensamento humanos, fecha as portas para a procura da verdade. Uma vez que uma qualidade passa a se referir a um terreno que é, então, expresso por meio de conceptualização com termos e símbolos não podemos voltar a falar sobre a quali inicial, que, ironicamente, é o objeto fundante acerca do qual falamos, ou talvez, mais apropriadamente, o objeto que *nos leva a falar*. Peirce explica isso concisamente em suas palestras em Lowell: “Dar um nome a uma coisa é fazer uma hipótese. É um predicado simples que não está nos dados” (p.472-473). Contudo, mesmo com essa formulação, nossas impressões iniciais não são esquecidas. Não, elas são entendidas como se agissem como sensações em nosso eu subjetivo. E “sensação é ... o escrever na página da consciência. Conceito é o significado da sensação” (472-473).

Isto quer dizer que, uma vez que tentamos expressar e formular nossas experiências (para os outros e mesmo para nós) entramos no campo dos sistemas linguísticos – que, como o último Wittgenstein e muitos outros demonstraram, é sempre circular e auto-referencial. Esta transformação necessária de um momento de pura singularidade (Quali, Primeiridade) para um estado de generalização (Linguagem, Terceiridade) representa a necessidade lógica de construir significados e unificar a experiência, mas precisamos nos recordar que este é um *sistema unidirecional*. Uma vez que você reconhece a qualidade que atua sobre a sua percepção e passar a construir uma significação para ela através da generalização inerente à linguagem, não há como retornar à ‘quali’ inicial. Mesmo estes conceitos de ‘quali’ e de

‘primeiridade’ são tentativas de examinar as forças que movem o pensamento, e, haja vista que fazemos este exame do único modo que somos capazes, através de símbolos e linguagem, nós podemos apenas lançar a hipótese da sua existência. Do mesmo modo, um cientista lança a hipótese de átomos a partir de testes, muito embora os átomos nunca possam ser visíveis por si. Ao tentar este tipo de inquérito podemos, com sorte, ganhar um *insight* sobre estes momentos fundacionais da interpretação e do entendimento humanos.

2.3.2. Quali experiência

Em seu livro ‘A filosofia em nova chave’, Sussane K. Langer assevera que “não é a simbolização essencial ao ato de pensar, mas um ato essencial para pensar e anterior a ele” (LANGER, 1957, p.41). Estamos demasiadamente absorvidos nas garras da linguagem (natural e linguística) para momentaneamente darmos um passo atrás e a olharmos. Pois estas ‘quali’ são o material mesmo fornecido pelos sentidos que, por sua vez, só pode ser entendido por meio de atos de simbolização, e, como nos lembra Langer “*simbolização é o ato essencial da mente*” (LANGER, 1957, p.41). Voltarei a tratar desta noção ao longo deste artigo, especialmente na seção 3.1. dedicada à teoria do signo de Peirce.

Enfatizarei que a quali consciência não é a mente tomando para si um objeto simples. Um reducionismo e um dualismo tão vicioso nunca apareceriam em Peirce. Quali se refere não somente à experiência sensorial, mas a um sentimento envolvente e geral que engloba todos os sentidos, o conjunto das experiências do sujeito, bem como o sentimento temporal e contextual único da experiência.

A quali consciência não está confinada a sensações simples. Há uma quali peculiar de roxo ainda que seja somente a mistura de vermelho e azul. Há uma quali distintiva para cada combinação de sensações na medida em que ela é realmente sintetizada – uma quali distintiva para cada obra de arte – uma quali distintiva deste momento tal qual ele é para mim – uma quali distintiva para cada dia e para cada semana – uma quali peculiar para toda a minha consciência pessoal. Apelo para a introspecção de vocês para sustentar isto. (6.223)⁴

Esta passagem lança luz sobre a minha insistência em me referir ao que alguns podem chamar de uma noção fora de modo de ‘objeto artístico’. Os objetos artísticos estimulam em nós a experiência da completude que as quali incorporam. Creio que todas as experiências tem essa característica de ‘completude’ antes de serem segmentadas ou ‘fatiadas’ pela linguagem.

⁴ Este modo particular de numeração refere-se aos oito volumes do “Collectedpapersof Charles SandersPeirce”. Neste exemplo, parágrafo 223 do volume 6. As citações que aparecem de outro modo referem-se ao livro ‘Chronologicaledition’ que, gradualmente vem substituindo o primeiro.

A linguagem destaca e revela um aspecto de uma experiência e, simultaneamente, enterra e esconde outro. Através deste processo de generalização a experiência é mudada. Peirce via na obra de arte uma poderosa representação da qualiconsciência; um modo de reacender a completude única da ‘quali’, uma relação com a introspecção:

Quando ouvimos uma sonata do Beethoven o predicado de belo é afixado a uma única representação do fenômeno compilado apresentado ao ouvido. A beleza não pertence a cada nota ou acorde, mas ao todo. (PEIRCE, 1982, p.472)

2.4. Educação mimética

Ao processo de *reacendimento* como forma de revelar algo escondido sob nossas interpretações solidificadas chamo de *educação mimética*. Retornar ao objeto artístico como uma ‘objetificação do padrão experiencial’ na esperança de melhor compreender os momentos iniciais da experiência estética é um ato de *mimeses* – já que aquali é inatingível uma vez que entramos nos domínios da *secundidade* e da *terceiridade*. Podemos apenas imitar essa ‘Primeiridade’ através do diálogo com o outro e com o mundo no qual estamos lançados.

Eis porque vejo a linguagem e a discussão como ferramentas essenciais para revelarmos a nós mesmo o poder da experiência. É apenas por meios de atos de diálogo no sentido gadameriano que nós podemos absorver plenamente estas experiências transformativas. No estilo da tradição hermenêutica, não estamos procurando um fim, não se trata, como diria Dewey de ‘uma busca pela certeza’. A partir destes atos de reflexão e inquérito estamos apenas tentando entender nosso eu mutável (um conceito de parte) em sua relação com um mundo mutável (um conceito de todo); uma dança rápida e constante que cresce e permanece ativa ao longo de nossas vidas. A noção de verdade que adoto para este tipo de educação, assim como na hermenêutica, representa algo que, ao aderir às leis da lógica, parece uma falácia. Por que o significado é sempre contextual, e há sempre mais todo para entender e mais partes para relacionar, o conhecimento hermenêutico é sempre imperfeito e metamórfico.

2.5 Revisando o Objeto

Muitos filósofos sugeriram que esta inclinação para as formas, para a criação de completude e unidade das nossas experiências, pode ser, de fato, uma pressuposição humana interna. Langer afirma isso quando coloca “nossa mera experiência sensível é um processo de formulação” (LANGER, 1957, p.89). Chegamos aqui a uma revisão necessária da noção

clássica de ‘objeto’, passando de um objeto fenomênico claro e distinto para algo mais dinâmico e flutuante. “Um objeto não é um dado, mas uma forma que é experienciada de uma só vez como coisa individual e símbolo para o conceito dela para este tipo de coisa” (LANGER, 1957, p.89). Essa ciência da natureza alternante da expressão simbólica é necessária para entender adequadamente ‘Primeiridade’ e nossa investigação dela numa educação mimética. A compreensão do objeto que adotarei nesta investigação pode ser assim informada: *Uma abstração mental que coleta as qualidades numa unidade – uma completude que permite o sujeito relacionar esta complexa rede de qualidade com suas experiências prévias.* Este é o processo que o objeto artístico realiza e, novamente, justifica minha no componente estético destes momentos de ‘Primeiridade’.

3.0. Semiótica de Peirce

3.1. O que é um signo?

Agora com um entendimento do objeto clássico e de como ele se relaciona com aquela experiência revisitado, finquemos nosso pé no mundo frequentemente assustador da semiótica de Peirce; o domínio exclusivo da terceiridade, e, no entanto, nossa única via para nos aproximar da noção de ‘primeiridade’ e, logo, um passo necessário em nossa jornada:

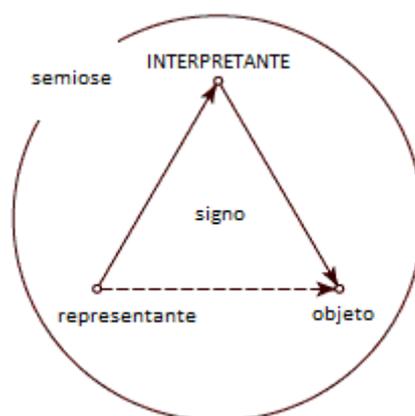
A semiótica é uma fonte útil de recursos para nos auxiliar no inquérito fenomenológico. A disciplina da semiótica afirma que nós percebemos e comunicamos a realidade através de um sistema de signos que são diretamente condicionados por nossas experiências adquiridas, tanto cultural quanto pessoalmente. Por signos não queremos dizer simplesmente signos convencionais, mas qualquer coisa que representa outra. David Chadler explica que ‘signos não são apenas significados ‘convencionados’, mas constituem o meio na qual os significados são *construídos*. A semiótica nos ajuda a perceber que o significado não é passivamente absorvido, mas que surge apenas num processo ativo de interpretação...’ (CHADLER, 2002, p.217) Como Thomas Hobbes eloquentemente coloca no *Leviatã* (I, 3): “O signo é a evidência antecedente, e contrariamente o conseqüente do antecedente quando tais conseqüências foram observadas antes, e, quanto mais elas tenham sido observadas, menos incerto é o signo” A contribuição de Peirce e Eco para a definição de Hobbes é o reconhecimento que os signos são sempre unidades culturais: Um signo é “tudo que, com base numa *convenção social* previamente estabelecida, pode ser tomado no lugar de outra coisa” (ECO, 1976, p.16). Isto quer dizer que o modo como os humanos chegam às conceituações de significado e verdade não se dá pelo descobrimento de algum a priori ou

conhecimento fundamental; antes, a significação é sempre um produto cultural mutável e em crescimento. Isto é exemplificado pela experiência do senso comum. As informações e conceitos que usamos para construir significados para nossa realidade é, majoritariamente, feita de coisas que não temos experiência direta, mas que assumimos autoridade. A criança recém-nascida, nas fases bem iniciais de sua vida, talvez esteja interpretando a realidade predominantemente de suas experiências diretas, quando elas se apresentam aos seus sentidos. Mas quando ela desenvolve a capacidade da linguagem, muito rapidamente, conceitos e ideias do que ela nunca tinha visto ou tocado contagiam e afetam sua visão de mundo.

3.2. Semiose ilimitada

Para falar propriamente do processo interpretativo e de como ele se relaciona com o domínio da ‘Primeiridade’ devemos examinar o modelo pierciano de signo eo conceito de *semiose ilimitada*.

A semiose ilimitada reflete a qualidade fundamental de todos os sistemas de linguagem, é o processo no qual “infinitas cadeias linguísticas podem ser produzidas” dentro de um mesmo sistema (ECO, 1996). O dicionário nos prove um exemplo elementar deste processo. Quando nós olhamos no dicionário por um significado de um termo o que conseguimos são sinônimos e imagens, essencialmente outras palavras e conceitos que nós temos que procurar converter em outras palavras, a assim segue *ad infinitum*. Vejamos o processo com mais detalhe observando o triângulo semiótico desenvolvido por Charles Sanders Peirce:



A representação do signo, ou o representante (isto é, a forma do signo ou do seu significante) representa um objeto imediato (ao qual a representação se refere). Estas duas entidades em sua união formam o veículo do signo. Esta estrutura binária é fortemente entrelaçada. Por exemplo: pense numa nuvem que remete à chuva, ou na palavra ‘gato’ que

evoca a imagem mental de um gato. Quando o veículo do signo é interpretado ele aciona um novo signo na mente do intérprete, a que se chama de *interpretante*. O *interpretante* não deve ser confundido com o signo do intérprete, sendo apenas “aquele que garante a validade do signo” (ECO, 1976, p.68). Ele é o resultado em constante desenvolvimento de uma interpretação comunitárias de um veículo de signo particular. Ou, como explica Eco: “um produto coletivo, público, observável estabelecido no curso de um processo cultural” (ECO, 2000, p.3). O interpretante, após ser interpretado, torna-se um novo veículo de signo pertencente ao mesmo objeto, daí o processo de semiose. Peirce elabora:

O objeto da representação não pode ser nada além de uma representação daquilo que é o interpretante da primeira representação. Mas, uma série infinita de representações, cada uma representando a que a antecede, pode ser concebida como tendo um objeto absoluto como seu limite. O significado de uma representação não pode ser nada além de uma representação. De fato, não é nada além da representação mesma concebida como desnuda de roupas irrelevantes. Mas estas roupas não podem nunca ser completamente tiradas, elas apenas mudam para algo mais diáfano. Então há aqui uma regressão infinita. Finalmente, o interpretante não é nada senão uma outra representação para a tocha da verdade é passada. (PEIRCE, 1.339)

A analogia da tocha da verdade é outra forma útil para entender o conceito pragmático, anteriormente citado, de ‘significado sem verdade’. Dito do modo mais sucinto possível: a semiose ilimitada nos mostra que um signo só pode ser entendido através de outros signos. Isto quer dizer que quando tentamos expressar ou formular nossas experiências singulares (para outros ou para nós mesmos) entramos no reino dos sistemas linguísticos – os quais, como dissemos na sessão 2.3., são sempre circulares e auto-referenciais.

Queremos acreditar que a linguagem pode alcançar e tocar a ‘quali’ ou algum objeto dinâmico na fundação de nossa percepção com a exatidão do método científico. Isto é ainda uma iteração do mito socrático do ‘sujeito que sabe’, a crença de que as palavras apontam para essências subjacentes. Isto não é possível, pois, infelizmente, os signos só podem referir para habituais conexões entre signos, em outras palavras, eles estão ‘alicerçados’ nas crenças humanas que, não são fixas, mas ‘contingentes’ e abertas à revisão.

A passagem que segue é uma das descrições mais claras de Peirce sobre o signo. Nela ele também explica o antes mencionado conceito de Terreno (Ground) (2.3.).

Um signo ou *representante*, é algo que assume para alguém o lugar de um aspecto ou capacidade de alguma coisa. Ele remete alguém, quer dizer, cria na mente daquela pessoa um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo que é criado, eu chamo de *interpretante* do primeiro signo. O signo fica na posição de algo, seu objeto. Ele fica na posição

daquele objeto, não em todos os aspectos, mas em referência a uma certa ideia, que as vezes eu chamo de terreno do representante. (2.238)

Sheriff, um estudioso proeminente de Peirce, faz uma conexão útil ao comparar o conceito de Terreno (Ground) com a noção de Wittgenstein de ‘jogos de linguagem’,

O Terreno, jogos de linguagem, usos, conexões habituais, crenças são a base de toda a racionalidade. Até para um signo ser pensado é preciso haver um terreno. Assim, todo pensamento é alicerçado em hábitos do pensamento que são produtos de atos volitivos anteriores e de condicionamento social. (SHERIFF, 1994, p.49)

Essa comparação nos lembra mais uma vez que a verdade é sempre algo construído através do *empilhamento* e acumulação de crenças e hábitos culturais. Também nos lembra que nossa única experiência de *primeiridade* só é atingida pela mediação da *terceiridade*. “Todas as vezes que pensamos”, diz Peirce, “temos presente à consciência algum sentimento, imagem, conceito ou a representação que serve como um signo... para algum pensamento que a interpreta” (5. 2383). Isto quer dizer que a experiência inicial que nós abstraímos do Terreno e, depois, a representação (uma *primeira*) nela ou dela mesma é meramente uma qualidade que se esvai antes mesmo de nós podermos concebê-la. Por esta razão, o pensamento que interpreta esta primeira, o *interpretante*, é necessário para que o pensamento em geral ocorra. Sheriff resume este processo rapidamente: “A única forma de um signo colocar-se no lugar de qualquer objeto, independentemente de quão complexo ou artificial ele seja é referindo-se a ele a partir de um pensamento prévio” (SHERIFF, 1994, p.137).

3.3.1. Estética através da Ética

A semiótica nos diz que o significado dos signos é sempre algo *virtual*; “ele reside não no pensamento mesmo (imediatamente presente), mas naquilo que este pensamento pode ser conectado na representação de pensamentos subsequentes...” (5.289) Portanto, compreender o processo de semiose é remeter-se ao reino de todo o entendimento humano, dos quais *primeiridade* e *qualisção* o alicerce. Embora sejam por natureza inatingíveis, Peirce evidentemente acredita que pela reflexão sobre momentos de *primeiridades* somos capazes de perceber algum objetivo fundamental que vai além da conduta e da razão humana. Para Peirce este objetivo maior é simplesmente o reflexo de todo seu trabalho, a tendência de todas as coisas do universo para progredir de um estado de indeterminação – estado da qualidade pura – para o estado de generalização. É a progressão da *primeiridade* para a *terceiridade*, a qual Peirce traduz como a perfeição gradual da razão, tanto em termos da grande cosmologia, quanto em termos da conduta humana.

Em contraste com a maior parte da obra de Peirce, sua estética é dissonantemente compreensível – até mesmo bela na sua simplicidade. Para destilar sua essência em uma frase, Peirce acreditava que toda a conduta humana deliberada é formada e modelada depois de alguns momentos singulares de sentimento prazeroso – nossas experiências estéticas subjetivas. Esta concepção de ética não exige uma regra absoluta e universal para sustenta-la, sendo mais uma forma de arte que não pode ser reduzida a uma codificação simples. O sujeito deliberadamente forma sua conduta depois de suas experiências estéticas privadas. Enquanto comunidade isto é a reunião e nossos julgamentos estéticos coletivos que formam nossos métodos fundamentais de valoração; distinguindo o que é bom do que é mau, o que é prazeroso do que não é.

Para compreender como este processo ocorre é útil contrastar a experiência estética com o julgamento estético. Sheriff descreve a experiência estética como “o sentimento de uma qualidade incorporada numa ação ou objeto, um sentimento que é rememorado num julgamento estético subsequente” (SHERIFF, 1994, p.67). É importante lembrar que, para Peirce “os julgamentos estéticos não são em si mesmos nem bons, nem verdadeiros” (SHERIFF, 1994, p.68). O que os torna tão fundamentais à experiência humana é a habilidade que tem de sintetizar qualidades isoladas num todo maior que conduz à formação de “hábitos de sentimento”. São estes hábitos de sentimento que determinam a conduta deliberada mesmo quando ela se torna tão habitual que nós sequer lembramos de suas qualidades estéticas iniciais. Esta síntese cria uma fórmula mental que em seu núcleo permanece associada a estes momentos iniciais de sentimento prazeroso. Assim como seu contemporâneo italiano Croce, Peirce acreditava que a estética era a propedêutica para as ciências normativas da ética e da lógica. Sheriff explica:

A boa estética é a deliberada formação de hábitos de sentimentos que conduz a boas ações e a boa lógica. A essência destas ciências (ética, lógica e estética) é o pensamento controlado, controle da conduta e da formulação de hábitos de sentimento (SHERIFF, 1994, p.62).

3.3.2. Hedonismo refinado

Esta noção de estética encontra um paralelo com a noção kantiana de ‘desinteresse’. A mente estética não tem nenhuma motivação para possuir o objeto de sua atenção, ela simplesmente deseja gozá-lo e experienciá-lo. Pode-se ver certamente como esta qualidade de *desinteresse* pode ser aplicada na formação e influência da prática ética e, mesmo, da análise fenomenológica. Quando encaramos algo desinteressadamente não estamos usando-o,

absorvendo-o num sistema maior no qual ele serve a um fim outro; estamos meramente percebendo o fenômeno como ele se apresenta para nós, como ele nos faz sentir. A partir disso podemos nos remeter a nossos preconceitos e vieses, mas apenas após o fenômeno ter sido propriamente tratado. É neste sentido que a estética peirciana e kantiana podem ser vistas como uma forma de *hedonismo refinado*. Esta designação me parece útil, na proporção que nos lembremos da importância do prazer inerente a qualquer ato de aprendizado engajado.

Naturalmente, nenhum sistema ético ou lógico é possível sem que haja uma adesão a algum tipo de modelo ou ideal. Porém, se a estética conduz à formação de hábitos de sentimentos que ditam a ação lógica e ética, qual é o objetivo último desta ação? Peirce insiste que este pode ser somente “um estado de coisas que são razoavelmente recomendadas em si mesmas, deixando de lado qualquer consideração ulterior. Ele precisa ser um ideal admirável, possuindo o único tipo de bem que tal ideal pode ter, ou seja, um bem estético” (PEIRCE, 5.130). Considerando que nenhum sistema lógico pode ser verificado num caso único, a lógica assegura que o ideal estético privado se estenda além do destino dos sujeitos, concebendo a identificação do interesse de um com aqueles de uma comunidade ilimitada (2.654).

A inexorabilidade lógica requer que nossos interesses não devem ser limitados. Eles não precisam parar em nosso próprio destino, mas devem englobar a comunidade como um todo... Novamente, esta comunidade não deve ser limitada, mas estender-se a todos os tipos de seres com os quais nós temos uma relação intelectual imediata ou mediada. Ela deve ir, ainda que vagamente, além de nossa época geológica, além de todas as limitações. Aquele que não sacrifica a própria alma para salvar o mundo, é, assim me parece, ilógico em todas as suas inferências, coletivamente. A lógica está enraizada num princípio social. (2.654)

Logo, o objetivo último da razão infunde o sentimento de amor e de comunidade.

4.0. Considerações finais

Considerar a ‘primeiridade’ e a ‘quali’ é entender melhor nossas reações e engajamentos com o mundo, na esperança de que esta consideração irá mesclar-se com a de outros na formação de hábitos de sentimento positivos. A teoria e os conceitos que apresentei durante este artigo não precisam, necessariamente, ser disseminados entre os estudantes. Apresentei-os para enriquecer a compreensão dos educadores acerca da Primeiridade como uma ferramenta reflexiva útil. Tentei mostrar vários caminhos para se chegar ao núcleo destes momentos de inefabilidade: minha esperança é que os educadores se apropriem dos conceitos e ideias que lhes parecerem mais úteis para o desenvolvimento de suas filosofias

personais da educação. Com o mesmo espírito de Gadamer, minha meta é encorajar uma “atenção estética, mas do que fazer declarações iconoclastas sobre o que é a estética” (DAVEY, 2011). Foquei especialmente nos difíceis e complicados termos e conceitos de Peirce, não com a intenção de alienar o leitor, mas porque creio que Peirce é um dos filósofos que remete adequadamente em sua obra para o estágio pré-interpretativo. Noto estes conceitos (como quali, primeiridade, e as relações relativas ao conceito de semiose ilimitada) como necessários e pragmáticos, haja vista que nos fornecem os meios para falar sobre aquilo que é naturalmente indizível. Percebo que a tarefa deste tipo de educação é, em vários sentidos, muito similar à explicação de Dewey acerca do Papel do Inquérito: “Distinguir os valores imediatos e irrefletidos dos valores que valem a pena serem retidos para reflexão, porque suas consequências contribuem para o florescimento humano” (DEWEY, 1939, p.189 -251). Assim como a lógica do inquérito de Dewey, o conceito de *primeiridade* se mostra como uma prática fonte de recursos para agarrar essa sensação transiente que acredito ser o núcleo de um aprendizado engajado. Tais conceitos nos encorajam a refletir conscientemente sobre os momentos que despertam nos estudantes, e nas pessoas em geral, um engajamento transformativo, seja com uma obra de arte, uma sacola plástica ou uma reação química.

A noção filosófica de ‘continuum’, tal qual explorada pelo semiótico dinamarquês Hjelmslev, é um conceito útil para esta discussão. O ‘continuum’ é essa coisa externa amorfa a partir da qual os organizamos formam sua realidade. O ‘continuum’ não é como o universo escondido das formas ideais platônicas, mas sim os próprios limites do ser, as fronteiras prescritas em nossa percepção. Eco(2000) compara o ‘continuum’ às fibras inerentes a um tronco de madeira. Pessoas diferentes podem fazer coisas diferentes do mesmo bloco de madeira – do mesmo modo que formas de vida diferentes percebem a realidade diferentemente – no entanto há fibras inerentes à madeira que motivam o modo e a direção do corte.

A *primeiridade* nos fala de vazio incipiente e desta faísca que move o inquérito. A partir desta indeterminação ao nos agarra e prende nossa atenção de tal forma que bloqueia tudo o mais e nos faz focar somente naquilo, o fenômeno. A isto Peirce chama de *indexicalidade primária*, que é o que nos move a falar sobre o que falamos. Olhamos para um objeto artístico porque ele incorpora e concentra diante de nós essa *primeiridade* num ‘todo unificado’; focando nosso olhar, extraindo sentido e significado do ‘continuum’. É neste sentido que toda arte é uma lembrança – uma elegia deste fugaz momento de singularidade atemporal, que já está morto quando o notamos.

Referências bibliográficas

- CHADLER, D. Introduction. In: CHADLER, D. *Semiotics for Beginners*. 2002. Disponível em: <http://visual-memory.co.uk/daniel/Documents/S4B/> Acessado em: 12/09/2014
- DAVEY, N. Gadamer's Aesthetics. In: ZALTA, E.N. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2011 (Winter edition). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/win2011/entries/gadamer-aesthetics/> Acessado em: 02/01/2015
- DEWEY, J. *Logic, the Theory of Inquiry*. New York: H. Holt, 1938.
- DEWEY, J. *Theory of Valuation*. Chicago, IL: U of Chicago, 1939.
- DEWEY, J. *Art as experience*. New York: Perigee, 1934.
- ECO, U. *Kant and the Platypus: Essays on Language and Cognition*. New York: Harcourt Brace, 2000.
- ECO, U. *A Theory of Semiotics*. Bloomington: Indiana UP, 1976.
- ECO, U. *The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts*. Bloomington: Indiana UP, 1979.
- ECO, U. *The Author and His Interpreters*. Disponível em: http://www.themodernword.com/eco/eco_author.html Acessado em: 02/01/2015.
- LANGER, S. *Philosophy in a New Key*. 3a. ed. Cambridge: Harvard University, 1957.
- LEWIS, C. S. *Surprised by Joy*. London: Harcourt, 1955.
- PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge (Massachusetts): Belknap, 1931-1966.
- PEIRCE, C. S. Lowell lecture, ix.. In: PEIRCE, C.S. *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition*. Indiana; Indiana University Press. 1982.
- PEIRCE, C. S. On a new list of categories. In: PEIRCE, C.S. *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition*. Indiana: Indiana University Press, 1984.
- SHERIFF, J. K. *Charles Peirce's Guess at the Riddle: Grounds for Human Significance*. Bloomington: Indiana UP, 1994.